

"FLUMINENSE"
cabrit e maio 1947

Dias 4 e 6 de maio 69

HPVA
comigo
do outro
dois

CÔR DE ROMA

RUBEM BRAGA

RECEBO um cartão de um amigo que estava em Roma e agora está na Áustria; «Viena coberta de neve, gelada e tristíssima; morreria, como Modigliani, murmurando: Cara, cara Itália!»

E então me surpreendo com saudades de Roma. O encanto da Itália está talvez no contraste entre a civilização tão antiga (a gente tem a impressão de que não pode cavar uma cacimba sem achar pelo menos a mão de mármore de uma estátua antiga) e essa vitalidade animal do italiano — o mais jovem e efusivo dos povos do mundo.

Lembro uma vez que fui comer um cabrito, no caramanchão de uma trattoria; era verão, e senti alguns pingos de chuva. Imediatamente, os garçons começaram a olhar para o alto, a estender as mãos e a gritar: — Piove!

A môça da copa veio correndo, os seios redondos balançando sôbre a cintura fina: — Piove!

O patrão veio, sua mulher gorda veio, três meninos vieram, todos olhavam o céu, faziam gestos: — Piove!

E, na mesa ao lado, dois homens e uma mulher também se ergueram. E num instante todos os fregueses, até o cozinheiro e seus ajudantes, se puseram a gritar, gritando e rindo, numa excitação animal, como pássaros assanhados: — Piove! Piove!

Olhei para o céu: era apenas uma nuvenzinha gorda e pequena que deixava cair algumas gôtas de chuva, e que o vento não tardaria a levar para longe de nós. Sorri, divertido, negando-me a deixar a mesa, achando inclusive agradável receber na cara alguns pingos grossos daquela chuva passageira. Para os italianos, entretanto, aquilo foi uma festa, um susto, um extraordinário ballet que durou dois minutos — ~~14~~

A água — este é um dos encantos de Roma. Não há monumento, naquela cidade cheia de monumentos, onde a água não espadane e cante: as bicas e chafarizes espalhados por toda parte não se fecham nunca, a água está sempre jorrando, caindo, num desperdício soberbo. São incontáveis fontane nas esquinas, nos palácios, nos pátios ensombrados dos edifícios. Mulheres nuas, peixes, monstros e deuses, vasos de frutas gordas, anjos e animais, nessa montoeira de escultura de três milênios — tudo esplende e brilha entre jorros de água.

Paris é feita de ruas, avenidas, perspectivas; Roma é feita de escultura e arquitetura entre a sombra de árvores imensas. Daí a sua beleza grave; nunca se tem vontade de fazer um quadro a óleo, como em Paris, nem uma aquarela, como em Lisboa; Roma só pode ser bem contada em gravuras, tem massas e volumes, não côres.

Ou tem apenas uma côr, esse rosa desbotado que se propaga aos nossos olhos, do alto do Pincio, em ondas de quarteirões, e que os mármorees antigos parecem absorver.

Como esquecer uma tarde em um terrago da Piazza del Popolo, em que me sentei com uma amiga para tomar um vinho branco. Olhamo-nos: estávamos, os dois, de uma rosa desmaiado, e toda a gente que passava era rosada, na tarde morena de setembro... Tinha a côr de Roma.

13 Cronica Co de Roma
2a Umzinha

M 558
M 407
CM 25 e 26.9.51
Radio 29.12.62
15 Cronica - PIOVE
2a Cronica - Co de Roma

He a carregar pratos,
toalhas e cadeiras

4 e terminou p^o q^o
garçons puderam trazer
lá de dentro, sempre
a cruz, sem lês
metade massa
fumigantes.

FLU
março
DN 62

RN n.º 62

DN - 13.4.67

22.51.21 - 22.22.21

HPVA

258